

Rita de Almeida Castro

**PERFORMANCES CORPO-CRISTAL:
EXPERIÊNCIAS EM FLUXO**

**BODY-CRYSTAL PERFORMANCES:
EXPERIENCES IN FLUX**

RESUMO

Em tempos de aceleração e multiplicidade de informações, cultivar espaços de silêncio e atenção é um desafio constante. A nossa provocação é romper com a pressa e os automatismos da vida cotidiana e acessar um tempo-espaço mais dilatado, explorar um tempo lento, uma espécie de tempo onírico. Para essa experiência, elegemos um pequeno cristal de quartzo branco para levar em viagens por diferentes jardins, paisagens e atmosferas. O cristal esteve no Atacama, Chile, na região do Jalapão, Brasil, e em Tóquio, no Monte Fuji, em Kanazawa e Kyoto, no Japão, em ativação das dimensões sensíveis e simbólicas desses lugares. O cristal atua como mediador e impulsionador de ações e movimentos, um estímulo para estados de prontidão e escuta em interação com o ambiente e em conexão com o tempo, em uma busca de novos enquadramentos, com abertura ao instante e ao fluxo das coisas que nos circundam. Em um segundo momento, como experimento de troca com o outro, criou-se a exposição de vídeos das performances e arte computacional: *Por sobre o tempo. Cristal corpo. Flutua*. Com os atos poéticos suscitados pela experiência e transmutados em cena performativa trabalha-se no âmbito de uma micropolítica do cotidiano, com pequenos momentos de ruptura para quem vive, transita pelas cidades e entra no espaço expositivo de um museu. Para adentrarmos esta reflexão sobre a dilatação do tempo, escuta e abertura para campos sutis de percepção em espaços performativos, encontramos ressonância no pensamento do poeta Matsuo Bashô e em autores como Christine Greiner, Cassiano Quilici, David Lapoujade, Karina Dias e Eleonora Fabião.

PALAVRAS-CHAVE: performance, cristal, corpo, alteridade, experiência, tempo.

ABSTRACT

In times of acceleration and multiple informations, to cherish spaces of silence and attention is a constant challenge. Our proposal here is to disrupt the speed and the everyday automatism so that we can gain access to a more dilated space-time and explore a slow pace, a kind of dreamlike rhythm. For this experience, we elected a little white quartz crystal to be taken through different gardens, landscapes and atmospheres. The crystal has been to Atacama, Chile, to Jalapão, Brazil, and also Tokyo, Mount Fuji, Kanazawa and Kyoto, Japan, activating the sensorial and symbolic dimensions of these places. The crystal acts as mediator and trigger to actions and movements. It stimulates states of readiness and listening in interaction with the environment and connected to the passing of time, in search for new frames of mind, open to the moment and the flowing of things around us. At a second moment, as an experiment of exchange, an exhibition has been created with computer art and videos from the performances: *Por sobre o tempo. Cristal corpo. Flutua*. ("Above time. Crystal body. Floats."). The poetic acts triggered by the experience are transformed into a performative scene that interferes in a micropolitics of the everyday, with brief moments of rupture for those urban dwellers that, strolling through the city, come to the exhibition space of a museum. To enter into this reflection about the expansion of time, of listening and openness to subtle fields of perception at performative spaces, we find resonance in the thinking of the poet Matsuo Bashô and authors like Christine Greiner, Cassiano Quilici, David Lapoujade, Karina Dias e Eleonora Fabião.

KEYWORDS: performance, crystal, body, alterity, experience, time.

Esta pesquisa nasceu de duas experiências simultâneas: práticas performativas que contemplaram a relação corpo-cristal em diversas circunstâncias e lugares e a oportunidade de realizar um pós-doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica na PUC-SP, com supervisão da professora Christine Greiner. Tanto nas experiências artísticas como na universidade foram criadas pontes com as artes orientais, especificamente com o imaginário japonês. Como propõe Greiner, em seu livro *Fabulações do Corpo Japonês e seus microativismos*,

Pode-se considerar que a experiência da alteridade que lida com tudo aquilo que não é o mesmo (com um estado outro, acionado por algo, alguém, alguma circunstância ou ideia diferente) constitui-se como um dos nossos principais operadores de movimento. O que a arte faz – ou aquilo que pode fazer quando não está subserviente aos dispositivos de poder – é radicalizar esta prontidão, fazendo da alteridade um estado de criação (GREINER, 2017, p. 125).

Essa perspectiva de colocar-se em situação de conexão com a alteridade, seja na experiência performática em interação com distintos ambientes, seja na relação com as pessoas, abre espaços para os exercícios da prontidão, da escuta e para potencial transformação de si. E com esses movimentos suscitados, renova-se a busca por ativações de abordagens que ampliem as percepções usuais cotidianas.

De acordo com Cassiano Quilici em *O ator-performer e as poéticas da transformação de si*, alguns artistas performativos como Marina Abramovic, John Cage, Bill Viola, Meredith Monk sempre demonstraram interesse por tradições contemplativas. Segundo o autor, esses artistas “buscam no Oriente a sabedoria prática que apoia o desenvolvimento de faculdades como a atenção, a concentração, a consciência silenciosa (não representacional), sem as quais o agir perderia a eficácia e a profundidade” (2015, p. 116). Quilici afirma que o foco da pesquisa intercultural recai agora no que pode ser chamado de “técnicas de si”, ou seja, procedimentos que visam promover mudanças substanciais nos modos de percepção e de consciência. Em tempos de aceleração e multiplicidade de informações, cultivar espaços de silêncio e atenção constitui desafio cotidiano, principalmente no que tange a abordagens de processos criativos. Como observa Milton Santos (2001),¹

O mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade. O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a ideia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude.

A experiência performativa que propomos busca romper com a pressa e os automatismos da vida cotidiana e adentrar um tempo-espço mais dilatado, explorar um tempo lento, uma espécie de tempo onírico. Trabalhei a partir

¹ Texto *Elogio da Lentidão*, extraído do Jornal Folha de São Paulo, do dia 11/3/2001.

da abordagem do *seitai-ho*, educação corporal de origem japonesa que visa resgatar e manter o corpo sensível, em interação com os atos performativos, particularmente os princípios do *do-ho*, técnica de movimento – *do* significando movimento, e *ho*, técnica.

A minha primeira aproximação com o *seitai-ho* foi no ano de 2001, em São Paulo, durante o meu doutorado em Antropologia na USP. Desenvolvi a minha pesquisa sobre os artistas que trabalham com o *seitai-ho* e lancei em 2012 o livro *Ser em Cena. Flor ao vento. Etnografia de olhares híbridos*. Em São Paulo, os mestres que trabalham nesta linha de pesquisa são Toshi Tanaka e Ciça Ohno, desde que os conheci e passei a ter contato com este modo de ver, passei por transformações profundas na minha percepção e experiência cotidiana. Depois dos estudos do doutorado em São Paulo, voltei a viver em Brasília e tenho, ao longo destes anos, exercitado os princípios básicos dessa abordagem, tanto em contexto pedagógico quanto na relação cotidiana, em uma fricção entre arte e vida. Uma das questões que para mim mais se destacam é o exercício de observação de si e do outro, *naikan-ho*. O ator japonês Yohi Oida (1999, p. 69), em seu livro *Um ator errante*, diz que a língua japonesa possui duas palavras para o verbo “ver”. *Ken*, quer dizer “ver o exterior”, *Kan*, “perceber o interior”. E o que o mundo do *naikan-ho* trabalha é uma técnica de percepção interna dos movimentos, dos sentidos e sensações. Ativa um trabalho de escuta consigo mesmo e abertura para a sincronicidade na interação com o outro.

E há o modo de percepção *najimi*, arte de tocar, que sente o ar entre os corpos, com espaço entre o eu e o outro. O contato e a prática, propiciados na interação com essas abordagens, contribuíram para o exercício de uma presença e uma escuta mais apuradas. Na fase do pós-doutorado, esses estudos seguiram sob a orientação de Toshi Tanaka e Ciça Ohno, em São Paulo, e com o mestre japonês Kazuhiro Sunami, na Associação de Pesquisa de Educação Corporal “*Shintai Kyoiku Kenkyujo*”, em Kyoto.

Várias dimensões são trabalhadas no *seitai-ho*, por um lado os *katas*, que são modelos de movimentos, como maneiras de deitar, levantar e sentar. Segundo Greiner (2000,p.133), “a origem da palavra *Kata* está em *Kami* (deus) e *ta* (mão). Portanto, envolve as ideias de deus e a mão do homem agricultor (muitos dos movimentos básicos tiveram suas origens nas atividades rituais rurais)”. Em outra abordagem da prática, trabalha-se o *Katsugen undo*, que tende a uma movimentação espontânea, involuntária do corpo.

Pode-se ativar um campo de autoconhecimento, pois muitas ações requerem disciplina e concentração para perceber pequenas alterações de respiração, temperatura, vibração, canal de entrada para o nível dos micromovimentos, das sensações que aparecem, desaparecem e se transformam. Talvez se possa dizer que, com o trabalho da percepção, dá para sondar os estados de um corpo impermanente e feito de fluxos.

Após muitos anos de aprendizado com Toshi Tanaka e Ciça Ohno em São Paulo, foi instigante ter a oportunidade de fazer o intensivo com o mestre

Kazuhiro Sunami em Kyoto, vislumbrei abordagens similares nas maneiras de lidar com princípios de ordem e espontaneidade em relação ao trabalho com o corpo.

Em Brasília, moramos em uma casa à beira do lago Paranoá, desde 2007, e criamos um pequeno jardim inspirado livremente na estética japonesa, a partir de referências e observações de imagens. Na casa temos um espaço de arte, Canto das Ondas, sede do grupo Teatro do Instante², que agrega pesquisadores em contexto de criação. A convivência cotidiana nesse espaço, mais próximo da natureza, permite uma abertura para percepções singulares dos pássaros, climas e atmosferas com suas alternâncias e especificidades. Ao mesmo tempo, nos últimos vinte anos exercito uma aproximação com as pedras, em formato de leitos ou fontes de pedras associadas aos *chakras*. Vale destacar B.K.S Iyengar, ao afirmar que “os *chakras* são rodas, círculos – centros de energia do corpo” (2001, p. 240). Por conseguinte, a experiência cotidiana com esse jardim e suas pedras propiciam desdobramentos performativos sensoriais, estados meditativos e novos campos de percepção e escuta. Criamos o coletivo Canto das Ondas, Carlos Praude, meu marido, artista computacional, Felipe Castro Praude, nosso filho, músico, que cria as ambiências sonoras e eu, fazendo as performances.

Elegemos um pequeno cristal de quartzo no jardim da nossa casa e o levamos para viajar pelas paisagens naturais do Deserto do Atacama no Chile, região do Jalapão no Brasil, e algumas cidades como Tóquio, Kanazawa, Hakone e Kyoto no Japão. Essa foi uma atitude que transformou nosso modo de ver e apreender o instante e a conexão com o tempo.

O cristal, com a sua capacidade de adaptar-se, justapor-se aos distintos ambientes e texturas, transmite uma aura camaleônica singular: sempre está em relação direta com a ambiência onde está inserido, assumindo distintas cores e padronagens internas. Tem a porosidade da troca com o meio, sendo mais quente ou mais frio, mais denso ou mais leve, de acordo com o lugar onde se insere.

Em 2015, levamos o cristal para os vastos espaços naturais na região do deserto do Atacama no Chile, com distintas e singulares paisagens, com muito vento frio, areias quentes, coloridas e gêisers, com suas altas colunas nevoentas e com vapor. Em 2016, mergulhamos o cristal nos poços e águas transparentes do Jalapão, em Tocantins no Brasil, com amplos espaços de areias quentes e morros. Em 2018, adentramos, com o cristal, os seculares templos e jardins japoneses, com suas pedras e areias, e partilhamos, nos parques, da visão de uma abundante e efêmera floração de cerejeiras.

Em cada um destes lugares a interação com o cristal se deu de uma maneira própria, propiciando estados de maior ou menor expansão e relação com o corpo. Mas, em qualquer ambiência, estar com o cristal nas mãos ou junto do corpo propicia uma respiração mais conectada com o aqui e agora e traz em si um

² O Teatro do Instante é um coletivo de investigação cênica de Brasília que completou 10 anos de atividade em fevereiro de 2019. Neste período criou vídeos, performances e oito espetáculos. O Coletivo é ligado ao grupo de pesquisa institucional *Poéticas do Corpo* do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília - UnB, coordenado por mim e pela professora e artista Alice Stefânia, e aglutina pesquisadores brasileiros em artes cênicas. Para saber mais veja: www.poeticascorpo.blogspot.com

exercício de presentificação. Como nos diz David Lapoujade, “na profundidade, não somos mais ‘seres’, mas sim vibrações, efeitos de ressonância, ‘tonalidades’ de diferentes frequências” (2017, p. 11). Colocar-se em situação de contato com o cristal, em uma duração de tempo expandida, possibilita acessar estados não cotidianos de percepção de si e do outro.



Figura 1 – Fotógrafo Carlos Praude

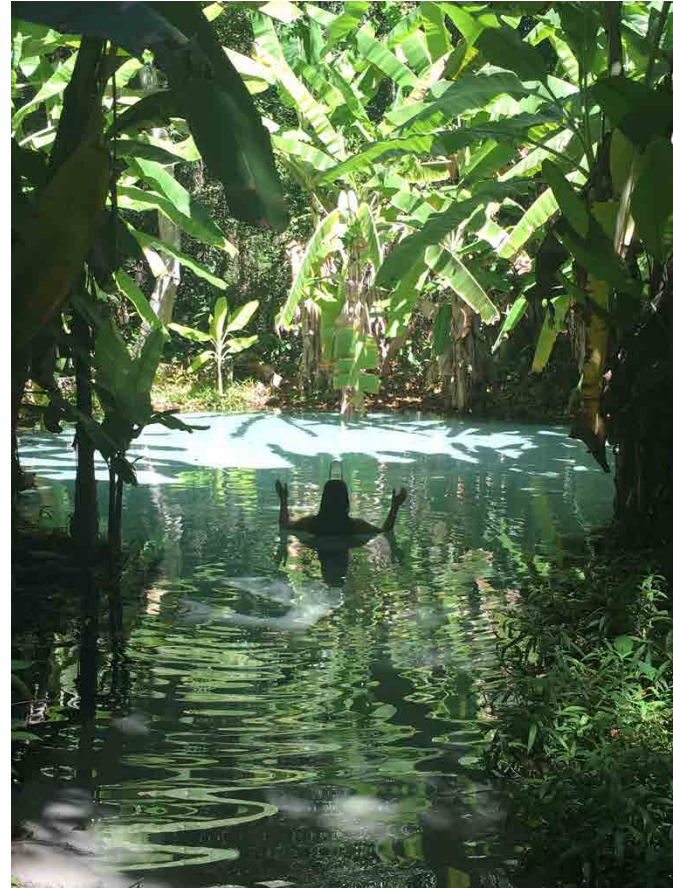


Figura 2 – Fotógrafo Carlos Praude

Para contribuir neste aprofundamento de si, ao longo dos anos, sigo na pesquisa do *seitai-ho* e suas especificidades, tenho participado de encontros imersivos de práticas de *do-ho*, técnica de movimento, na Casa do Vento, localizada no Embu das Artes, cidade vizinha de São Paulo, espaço que abriga o projeto Jardim dos Ventos. Desde 2001, Toshi Tanaka e Ciça Ohno coordenam esse projeto e desenvolvem um trabalho contínuo que, entre outras abordagens, articula os princípios do *do-ho* com as performances, assim como estimula a relação do corpo sensível e suas reverberações com as artes da cena.

No Japão, em conexão com os templos e jardins, durante as caminhadas e paradas pude percebê-los como espaços de contemplação, escuta e relação com as atmosferas circundantes, em sintonia com o tempo e as estações do ano.

A vivência com a prática do *do-ho*, tanto no jardim do Canto das Ondas em Brasília, quanto na Casa do Vento em São Paulo, e nos jardins da cidade de Kyoto, possibilitaram o exercício dessa escuta e ativação da imaginação para a vivência performática, em fluxo com a presença e a percepção dos estados do instante. Da

mesma forma, enfatizou-se a interação com o silêncio, em sua dimensão de não palavra, em fricção com os sons e vibrações dos espaços.

A experiência de permanecer, de 20 de março a 19 de abril de 2018, no Japão foi intensa e reveladora de sentidos. Tive como parceiro, na primeira quinzena, o artista Carlos Praude, que realizou as filmagens das performances. Permaneci depois sozinha por onze dias, fazendo o intensivo de *seitai-ho* com o mestre Kazuhiro Sunami e nos últimos quatro dias contei com a parceria da artista Yukie Hori para as filmagens finais.

A perspectiva de uma busca de tempos dilatados e conexões mais sutis com o presente estavam no foco. Passei a maior parte da viagem na cidade de Kyoto, repleta de templos e jardins; e como estávamos na época da floração da cerejeira, a cidade se voltava para as ruas e parques e tinha multidões de pessoas por todos os lados. Depois de algum tempo, passei a sentir necessidade de buscar lugares mais isolados, com possibilidade de escuta dos sons de fontes, sinos e silêncios. Comecei a pesquisar templos e lugares mais distantes, pegava um ônibus e circulava para os arredores de Kyoto.

Como diz Michiko Okano, existem basicamente três tipos de jardins: aquele destinado à contemplação visual; o jardim ruela da cerimônia do chá; e o jardim de passeio, “que possui um desenho orgânico e descentralizado, caracterizado pela experiência corporal humana” (2012, p. 93). Considerando o jardim como um microcosmos, após a experiência de interação com esses espaços, suas atmosferas singulares, sons, aromas e texturas, elegi em quais jardins ocorreriam a criação das performances poéticas. Para tanto, dialoguei com a obra *O eremita viajante* (2017), do poeta de haicais Matsuo Bashô (1644-1694), como fonte de inspiração, com sua poesia plena de metáforas sensoriais:

“enquanto a cerejeira
estiver em flor
o mal-estar não existe”

“um saco cheio
de flores e luas
é tudo que quero”

“folhas novas
brilham ao sol
eis o esplendor”



Figura 3 – Fotografia Carlos Praude

Em uma das buscas por espaços para as performances, encontrei o templo budista *Jakko-in*, ao pé de uma montanha, ao norte de Kyoto, e dentro desse lugar sagrado subi uma pequena elevação e encontrei um outro antigo templo, com dois toris, pórticos de madeira, que encontrava-se vazio. Nesse lugar, a artista Yukie Hori e eu passamos algumas horas e criamos um vídeo performativo. Finalmente tínhamos encontrado um espaço com uma ambiência própria, em conexão com a natureza circundante e que estava tranquilo, sem turistas.

Criamos pequenas sequências com o cristal, que chamamos de micronarrativas, em diálogo com os portais presentes no espaço, uma alusão clara à construção de pequenos gestos ritualísticos: colocar o cristal, pegar o cristal, andar com o cristal pelo espaço. Na montagem do material visual fica evidente a repetição presente nos gestos e a lentidão proposta pelas caminhadas no espaço; nos sentimos, por instantes, fazendo parte daquele lugar.

A performance consiste em colocar-se em conexão com o cristal em lugares diversos, interagindo com as texturas, temperaturas, sons e estímulos de cada atmosfera. Em uma dessas experiências na cidade de Tóquio, em plena cerejeira em flor, com seus parques lindos e repletos de pessoas circulando, experimentamos filmar em tempo dilatado. Com isso, a cadência de cada transeunte foi realçada, em diálogo com minha postura quieta, em silêncio, consonante com o tempo expandido. Como alterar a passagem do tempo? Ou como propiciar ao outro a percepção de uma dissonância com a imagem tempo?

Ao levar o cristal para viajar por paisagens e jardins, nos deparamos com distintos contextos culturais. Como aponta Greiner ao referir-se ao universo japonês (GREINER, 2015, p. 48), “o jardim, por exemplo, considerado uma espécie de modelo de mundo no Japão, não representa a natureza em si porque já é uma construção (nada natural) da natureza. Ele só existe como modelo”. Podemos considerar o jardim japonês como uma segunda natureza, uma natureza cultivada e apropriada por meios e para fins específicos.

A concepção dos jardins japoneses difere bastante das paisagens que eu percorri com o cristal, por exemplo, no Jalapão, região do interior do Brasil, onde se passa por vastos espaços ainda pouco explorados pelo contato humano. Como nos diz Karina Dias (2016, p. 145), em diálogo com Augustin Berque, “a paisagem é a dimensão sensível e simbólica de um lugar (...). Experimentar a paisagem seria então conceber um lugar por meio dos sentidos, uma arquitetura do sensível que edifica o espaço em nosso íntimo”.

Por sua vez, o cristal atua como mediador e impulsionador de ações e movimentos, um estímulo para estados de prontidão e escuta em interação com o ambiente e em conexão com o tempo, em uma busca de novos enquadramentos e possibilidades de troca. Do mesmo modo, pode-se receber estímulos a percepções mais sutis do entorno onde se está inserido, e disponível a experimentar os sons, texturas, odores dos lugares e se permitir ser afetado por suas especificidades. Nesse plano, podemos pensar com Suely Rolnik, é que se dá o “corpo vibrátil”, “no qual o contato com o outro, humano e não-humano, mobiliza afetos, tão cambiantes quanto a multiplicidade variável que constitui a alteridade” (2000)³. Temos distintas ambiências sonoras, visuais e espaços para ressignificações, a partir da colocação do cristal no sétimo *chakra*, em um alinhamento com o céu, e na relação com a atmosfera circundante, em interação com as vibrações dos ventos, águas, areias e seres humanos. Esta atitude de disponibilidade amplia a escuta do ambiente, com atenção ao instante e ao fluxo das coisas que nos circundam. Permitir-se ser conduzido com e pelo cristal nos conecta à fala de Didi-Huberman:

Devemos, portanto [...] nos tornar vagalumes e, assim, formar novamente a comunidade do desejo, a comunidade de lampejos emitidos, de danças apesar de tudo, de pensamentos a transmitir. Dizer sim na noite atravessada de lampejos e não se contentar em dizer o não da luz que nos ofusca (2011, p. 154-155).

³ Texto *O corpo vibrátil de Lygia Clark*, extraído do Jornal Folha de São Paulo, do dia 30/4/2000.

Após realizar todas as vivências-experiências, filmadas por Carlos Praude e Yukie Hori, criamos conjuntamente a exposição *Por sobre o tempo cristal corpo flutua*⁴, visando provocar potenciais momentos de ruptura e subversão cotidiana para o outro e, em um âmbito mais ousado, gerar afetos e desdobramentos inusitados.

O músico Felipe Castro Praude criou uma ambiência musical que provoca uma sensação de dilatação de tempo para o público, consonante com a proposta das imagens. Ele fez uma associação dos elementos *água, terra, fogo, ar e éter* com os chackras e com as notas musicais. Ele fez uso de tigelas de cristal quartzo, tigelas tibetanas, diferentes sinos, sons de pássaros e sons dos elementos naturais *ventos e águas*, para compor a musicalidade performativa. Criamos uma sinergia de cheiro para o espaço expositivo com óleos essenciais de olíbano, lavanda e laranja doce, que propiciam, em uma perspectiva de aromaterapia, um campo de meditação, relaxamento e tranquilidade.

A exposição realizou-se no Museu Nacional da República, em Brasília, de 20/12/2018 a 3/2/2019, e teve mais de sete mil visitantes. Colocamos um caderno na saída da exposição para que as pessoas colocassem suas impressões e comentários, onde foram escritas e desenhadas centenas de mensagens, das quais selecionei alguns textos que remetem aos estados suscitados pela experiência de se conectarem com as obras.

“Muita harmonia, contemplação, paz.
poesia de cristais, respira fundo, vibra luz.”

“Um choque de serenidade e excelentes vibrações.”
“Cristal, luz, silêncio, vida. Um momento em natureza.”
“Que a nossa alma se torne tão transparente quanto os cristais.
Que a natureza tome conta do mundo.”

“Amei! Transparência, pureza, natureza bruta, leveza.”
“Uma inspiração para meditar e apreciar o belo!”
“Parabéns pela beleza tranquila, suave, que tanto encanta”.
“Silêncio e vento
e um negativo que (se) fotografa
em luz.”

“Um ótimo jeito de se conectar com a natureza e com o divino.”
“Consegue ser assombroso e relaxante ao mesmo tempo.
Perturbador e calmante. Confuso e esclarecedor.
Existencialmente esclarecedor.”

⁴ Para ver alguns fragmentos da exposição *Por sobre o tempo cristal corpo flutua* acesse: <https://youtu.be/QGKNY4CAB-E>.

"Muito estranho! Flutua."

"Um trabalho maravilhoso de entrega e conexão ao sagrado. Lindo demais."

"Não sei, ou ainda não aprendi, a colocar isso em palavras."

"Me senti serena, o cristal que vi transmitiu paciência, paz e principalmente tranquilidade."

"Excelente trabalho de meditação."

"É engraçado como parece estranho nos esforçarmos para relaxar. Aqui acontece de forma serena e natural. Se perde a vontade de voltar ao mundo exterior. Se pudesse ficaria aqui eternamente."

"No corre corre do dia a dia a meditação é um grande instrumento de paz, calma e relaxamento."

"Vivenciei aqui momentos de recolhimento, contemplação e saio com as "baterias recarregadas", leve espiritualmente e com o físico também. Parabéns pelo trabalho e performance."

"Foi muito agradável, até mesmo espiritualmente!!
Agora estou com vontade de ir para a natureza e meditar."

"A exposição tem uma aura envolvente que captura a mente, os sentidos e a imaginação, além de ensinar um notável prazer estético."

"Sua alma silencia, quando a sua mente acalma."

"Uma exposição maravilhosa que nos dá a oportunidade de relaxar e nos desconectar desse mundo virtual no qual vivemos. Transmite paz e harmonia.

Que ótimo jeito de começar o ano!"

"O cristal viajou, foi energizado em diversos lugares e agora está aqui – para tocar a alma."

"Contemplativa, relaxante, refrescante, um momento que saímos da correria e tanto concreto para um encontro com a natureza e consigo. Adorei."

"Traz uma leveza muito grande e fez-me conectar-me com o meu lado espiritual do mundo, levou-me para dentro do cristal. Excelente, muito obrigada."

“Energia de paz, mansidão... convite à quietação. Desacelerar... Aquietar a mente para ouvir o coração! Lindo!”

Uma das principais inquietudes do coletivo Canto das Ondas, que criou as performances em vídeo, era propiciar aos transeuntes das cidades, ao entrar no espaço expositivo, sensações de desaceleração e conexão com estados mais sutis do entorno e de si mesmo. As falas acima de muitas pessoas que experienciaram a interação com as obras reforçam este lugar possível de extrapolar a postura cotidiana, muitas vezes automática e acelerada, com abertura para campos e percepções diferenciadas, onde aparecem estados traduzidos em palavras, tais como: calma, relaxamento, meditação, paz, tranquilidade, silêncio, natureza, entre tantas outras.

Com os atos poéticos suscitados pela experiência e transmutados em cena expandida, o anseio é trabalhar, no âmbito de uma micropolítica do cotidiano, com pequenos momentos de ruptura para o homem que vive nas cidades.

Em busca destas potências latentes de subversões na esfera do cotidiano para as pessoas, temos na exposição, uma obra de arte computacional proposta por Carlos Praude. Em sua perspectiva há características estéticas próprias no deslocamento do cristal para o espaço expositivo, o cristal atua como um actante, porque se transforma a partir da interação com o meio onde está inserido. Ele criou um dispositivo, que possibilita o mapeamento da frequência sonora, musical e vozes do ambiente, e o associa com a frequência de luz que emana de dentro do cristal. Nesta abordagem segundo ele, a pessoa que está no espaço expositivo atua como interator, pois a sua voz interage e modifica o objeto cristal no espaço expositivo, e este muda de cor a partir da ativação sonora do ambiente.

Há duas instâncias nos atos performativos propostos: no instante em que ele se cria nos diferentes contextos culturais e, em um segundo momento, as distintas projeções das performances filmadas nas paredes do museu e a instalação de arte computacional. Como nos diz Paola Berenstein Jacques, em seu livro *Elogio aos errantes* (2012, p.23): “A experiência da diferença, do diferente, do Outro, seria então uma experiência da alteridade. A experiência errática pode ser vista como possibilidade de experiência da alteridade na cidade”.

Quais as singularidades, especificidades e desdobramentos que esse encontro com a obra propicia? Estranhamento, indiferença, conexão, além de outras inusitadas reações. Christine Greiner pontua que “parece cada vez mais difícil lidar com a alteridade no mundo contemporâneo, onde só tem valor o que é visível, imediato e cumulativo. Ao mesmo tempo, as experiências que resistem e insistem na abertura de entre-lugares tornam-se cada vez mais importantes.” (2011, p. 110). E complementa: “Sem obedecer aos padrões sectários tradicionais, é como se a descoberta do outro assegurasse a invenção de si em um fluxo contínuo, para sempre inacabado, tendo como ponto de partida a empatia e não mais a dicotomia eu e o outro.” (GREINER, 2017, p. 12).



Figuras 4 e 5 – Fotógrafo Carlos Praude

Os rastros deixados da interação com o outro podem, novamente, ser vislumbrados a partir da leitura do caderno, deixado na saída da exposição. Selecionei aqui algumas impressões que referem-se a reflexões sobre o tempo e a efemeridade.

“O poder do tempo. Parar, observar, admirar!”

“A efemeridade do tempo perante a vida.”

“Em tempos duros explorar o sensível é uma experiência necessária.”

“Obrigada por nos levar nessa viagem “Por sobre o tempo”...
Lindo! Poético! Deslumbrante!”

“É maravilhoso! Não tirei o olho... Fascinante olhar para a simplicidade da natureza... Como se ela fosse novidade! Os pontos de vista do que nos é mostrado, faz-me pensar se eu sou cega ou não, e, o que ando a ver quando olho para a natureza...”

“Neste mundo tão agitado é muito bom ouvir e ver as belezas da natureza que nos acalma. O local, a música, tudo nos faz entrar no nosso interior, entrei no silêncio da alma e lembrei-me de Deus.”

“Nos tempos de violência, correria e sobrevivência, este espaço nos remete a uma interioridade e paz de espírito.”

“Essa exposição é muito interessante para ver o quão veloz está a vida cotidiana.

E para relaxar.

Adorei.”

“Linda reflexão sobre o tempo, o acidente, a cura e a beleza de olhar pelo tempo necessário para descobrir alguma coisa. Obrigado!”

“tempo, tempo, tempo
silêncio, vazio
vida”

“Imersão
tudo emerge
de dentro
por dentro
para dentro
quem não olha para si
sempre ficará à margem do tempo.”

“linda! Inspiradora
o passado é futuro e o presente é
o passado e o futuro
todo lugar é lugar nenhum
quem sabe as coisas que esse cristal já foi e vai vir a ser...”

“Estou em profundo êxtase!!
Vocês conseguiram reter por instantes a
Velocidade voraz do tempo!
E resignificar a existência!”

Pelas falas dessas pessoas que experienciaram a interação com as obras fica evidente o redimensionamento da noção do tempo rotineiro, um cessar do fluxo cotidiano e o adentrar-se em uma esfera de paragem para a contemplação

e imersão em um outro tempo-espaço que evidenciam a efemeridade e a fugacidade do instante.

Segue o depoimento da artista Yukie Hori, relatando a sua percepção sobre as filmagens das performances com o cristal, com ênfase também na alteração da dimensão tempo-espaço:

Caminhávamos por Kyoto buscando lugares para ele. Inicialmente, sua objectualidade simbólica não me afetava, mas no segundo dia da viagem, durante as filmagens das micronarrativas, pude sentir sua forte presença, na maneira como ele, enigmaticamente, protagonizava e interagía com o lugar e com ela.

Rita era para mim como um elo de uma ligação mágica entre o cristal e o ambiente. Um alinhamento que tornava visível alguma dimensão oculta do tempo e do espaço, distinta do meu aqui-agora habitual. Era como um aqui-agora mais aqui-agora, potencialmente sensível à percepção do ar, da luz, dos sons, dos seres de naturezas diversas.

As narrativas fluíam espontaneamente na suspeita de que naqueles momentos, cristal, Rita e planeta se conectavam em um prumo capaz de retrain, quase pausando, o movimento orbital.⁵

Tanto a fala da Yukie Hori sobre as filmagens, como das pessoas que experienciaram a exposição remontam a distintas apreensões da noção de tempo. Como nos coloca David Lapoujade, em diálogo com a visão de Henri Bergson, “existe uma emoção que está ligada à passagem do tempo propriamente dita, ao fato de sentirmos o tempo fluindo em nós e ‘vibrando interiormente’. É a própria duração que, em nós, é emoção.” (2017, p.11). Há uma pluralidade de ritmos e estados que são acionados a partir da experiência propiciada pela interação da performer com o cristal, seja no processo de criação da performance ou na sua execução em vídeo, onde pode-se manipular a própria relação com o tempo, criando espaços de suspensão ou dilatação.

Em relação a minha própria sensação enquanto performer, após três anos fazendo performances com o mesmo cristal na cabeça, de 2015 a 2018, sentia-me muitas vezes conectada a uma sensação de galope, como se estivesse encima de um cavalo, desbravando ventos e brisas, não havia nada que fixasse o cristal, ele era simplesmente pousado no alto da cabeça, no *chakra* coronário. Em uma tarde primaveril, no jardim *Kenrokuen*, na cidade de Kanazawa, no Japão, o vento veio mais forte, eu tentei segurar o cristal, mas ele teve uma queda no chão de pedra e partiu-se em dois. A experiência da queda do cristal foi brusca, violenta e nos deixou estupefatos e tristes. E sentimos a força do vento, que pode ser sopro sutil ou vendaval e nos traz a dimensão da impermanência, de que tudo está em constante transformação. Em um primeiro momento, com a sensação da perda, ainda tínhamos um longo tempo de trabalho e criação no Japão, pensamos em

⁵ Texto depoimento enviado, por email, no dia 9/11/2019.

trocar o cristal, havíamos levado um outro pequeno cristal. Em um segundo momento decidimos colar o cristal, e lidar com as dimensões transitórias, imperfeitas e incompletas, que essa atitude nos suscitou. A inspiração nos veio do conceito *wabi sabi*, presente na estética japonesa, *wabi* nos remete a quietude e *sabi* a simplicidade. E veio uma alteração no modo de ver: uma contemplação da passagem do tempo presente na rachadura desvelou-se uma dimensão de observação e sutileza ao tocar e segurar o cristal, com ênfase no *najimi*, ar entre o corpo e o cristal. Nas aulas com o mestre Kazuhiro Sunami, em Kyoto, levei o cristal, em sua nova configuração, e trabalhamos essa dimensão de toque sutil e presença na interação corpo-cristal.

Como ampliar a escuta e a percepção de si e do outro? O que significa provocar uma distensão ou uma recolocação do tempo? Como propiciar, em fluxo contínuo, a si e ao outro, abertura para dimensões mais sutis advindas das relações com as paisagens e os jardins? Quais os possíveis desdobramentos da relação com o cristal?

Faço coro com Eleonora Fabião (2009, p. 245), ao enunciar que “o chamado é por uma ativação do corpo como potência relacional” e “a performance interessa por ser a arte da negociação e da criação de corpo - aqui e agora”.

Na fricção das alteridades abre-se espaço para interações consonantes e dissonantes, o transeunte pode ou não entrar no espaço expositivo. Mas a centelha de vida, como diria Peter Brook (1999), será pretensamente lançada pela ação performativa.

Finalizou o ciclo da primeira temporada da exposição *Por sobre o tempo cristal corpo flutua*, mas o cristal e a performer seguem receptivos a novos desdobramentos e pontos de contato, já os vislumbro no deserto do Rajastão na Índia ou nas paisagens da chapada Diamantina no Brasil, potenciais pontos de paragem para conexões sutis.

“por sobre as flores da lua
um corpo fascinado
flutua sem pensamento”

Matsuo Bashô

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASHÔ, Matsuo. **O eremita viajante**. [haikus – obra completa]. Porto: Assírio & Alvim, 2016.
- BROOK, Peter. **A porta aberta**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.
- CASTRO, Rita de Almeida. **Ser em Cena. Flor ao vento. Etnografia de olhares híbridos**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012.
- DIAS, Karina. **Entre visão e invisão**: paisagem [por uma experiência da paisagem no cotidiano]. Brasília: Programa de Pós-graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FABIÃO, Eleonora. Performance e teatro: poéticas e políticas na cena contemporânea. **Revista Sala Preta**, São Paulo, USP, p. 235-245, abr. 2009.
- GREINER, Christine. **Fabulações do corpo japonês e seus microativismos**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- _____. **Leituras do corpo no Japão**. São Paulo: n-1 edições, 2015.
- _____. **O teatro Nô e o ocidente**. São Paulo: Annablume, 2000.
- GREINER, Christine; SOUZA, Marco. **Imagens do Japão**: pesquisas, intervenções poéticas, provocações. São Paulo: Annablume, 2011.
- IYENGAR, B. K. S. **A árvore do ioga**: a eterna sabedoria do ioga aplicada à vida diária. São Paulo: Globo, 2001.
- JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LAPOUJADE, David. **Potências do tempo**. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- OIDA, Yoshi. **Um ator errante**. São Paulo: Beca, 1999.
- OKANO, Michiko. **[Ma] Entre-espaço da arte e comunicação no Japão**. São Paulo: Annablume, 2012.
- QUILICI, Cassiano. **O ator-performer e as poéticas da transformação de si**. São Paulo: Annablume, 2015.
- ROLNIK, Suely. O corpo vibrátil de Lygia Clark. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2000.
- SANTOS, Milton. Elogio da lentidão. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 mar. 200

AUTORA

Rita de Almeida Castro

Universidade de Brasília

E-mail: ritadealmeidacastro@gmail.com